

# A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE UM OPERÁRIO DA TRIBUNA METALÚRGICA: HISTÓRIAS DE VIDA E DE MILITÂNCIA

THE MEMORY CONSTRUCTION OF A TRIBUNA METALÚRGICA'S WORKER: LIFE AND MILITANCY STORIES

CONSTRUCCIÓN DE LA MEMORIA DE UN TRABAJADOR DEL TRIBUNA METALÚRGICA: HISTORIAS DE VIDA Y DE MILITANCIA

## Barbara Heller

■ Possui graduação em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1982), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1997). É pós-doutorada em Comunicação pela Universidade Metodista (2011), sob a supervisão do Prof. Dr. Laan Mendes de Barro e pela Escola de Comunicação e Artes da Usp (2015), sob a supervisão da profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa. Atualmente é docente e vice-coordenadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação da Universidade Paulista (Unip).

■ E-mail: b.heller.sp@gmail.com

## Priscila Ferreira Perazzo

■ Doutorou-se em História Social pela Universidade de São Paulo em 2002, com a tese sobre a prisão de alemães, japoneses e italianos nos campos de concentração brasileiros, durante a Segunda Guerra Mundial. Desde 1997 atua como docente e pesquisadora na área de Comunicação Social e suas interfaces com História, Estudos Culturais e estudos da Memória Social, na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Lidera o Grupo de Pesquisa Memórias do ABC e coordena o Laboratório Hiper mídias (HyperLab) da USCS.

■ E-mail: prisperazzo2@gmail.com

## Cristine Gleria Vecchi

■ Doutoranda em Comunicação Social (área de concentração em comunicação e cultura midiática e linha de pesquisa em contribuições da mídia para a interação entre grupos sociais) pela Universidade Paulista (Unip), sob orientação da professora Dra. Barbara Heller, Mestre em Comunicação Social (área de concentração em comunicação e cultura midiática e linha de pesquisa em contribuições da mídia para a interação entre grupos sociais (2012) pela Universidade Paulista (Unip), especialista em Comunicação Empresarial e Institucional (2007) pela Unip e graduada em Jornalismo (2004) pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

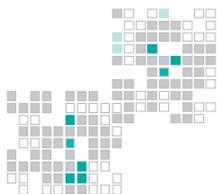
■ E-mail: cristinevecchi@yahoo.com.br

## Lérida Gherardini Malagueta Marcondes de Mello

■ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, Área de Concentração: Comunicação, Memória e Cultura Midiática. Mestre em Comunicação, Especialista em Educação a Distância. Possui graduação em Administração com habilitação em Comércio Exterior pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas (1993) e graduanda em Pedagogia (Licenciatura) na UNIP. Professora da Universidade Paulista para os Cursos Superiores e Coordenadora Pedagógica da Unip EaD.

■ E-mail: lerida.mello@docente.unip.br

60



## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a narrativa oral de um operário ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e sua atuação na Tribuna Metalúrgica e no Suplemento para entender a construção de sua memória sobre a produção e distribuição do jornal quando esteve sob intervenção, durante a ditadura militar no Brasil. Concluímos que o depoente evocou uma memória com vestígios datados, enquadrada e coletiva, condizente com a memória institucional do Sindicato e que a história oral é um método que contribui para as pesquisas empíricas em comunicação e suas relações com a história.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA; HISTÓRIA ORAL; SINDICALISMO; TRIBUNA METALÚRGICA.

## ABSTRACT

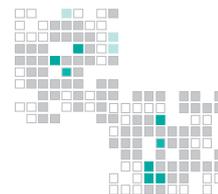
This article aims to analyze the oral narrative of a worker linked to the Sindicato dos Metalúrgicos do ABC and his activities at the Tribuna Metalúrgica and at the Suplemento to understand the construction of his memory about the production and distribution of the newspaper when it was under the intervention of the military dictatorship in Brazil. We concluded that the deponent evoked a dated, framed and collective memory, consistent with the Union's institutional memory and we also found that oral history is a method that contributes to empirical researches in communication and in its relation with history.

KEYWORDS: MEMORY; ORAL HISTORY; TRADE UNIONISM; TRIBUNA METALÚRGICA.

## RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar la narración oral de un trabajador vinculado al Sindicato de Trabajadores Metalúrgicos de ABC y su actuación en la Tribuna y Suplemento Metalúrgico para comprender la construcción de su memoria sobre la producción y distribución del periódico cuando estaba bajo intervención, durante la dictadura militar en Brasil. Llegamos a la conclusión de que el declarante evocó un recuerdo con rastros fechados, enmarcadas y colectivas, coherentes con la memoria institucional de la Unión y que la historia oral es un método que contribuye a la investigación empírica en la comunicación y su relación con la historia.

PALABRAS CLAVE: MEMORIA; HISTORIA ORAL; SINDICALISMO; TRIBUNA METALÚRGICA.



## 1. Introdução

Quando o indivíduo pensa/lembra algo, surgem imagens que, sempre mediadas pela presença do corpo, provocam reações (ações/attitudes). Logo, esse corpo guarda esquemas de comportamento responsáveis pelas nossas ações. Haveria um fluxo em que a imagem chega até o cérebro e volta em forma de ação-reação do corpo, ou seja, repetições, mecanismos motores ou, como Bergson denominou, memória-hábito. Por outro lado, haveria também uma memória independentemente de hábitos (memória-lembrança), formada por “lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado” (Bergson, 1990, *apud* Bosi, 2001, p. 48). Assim, é sob a forma de imagens-lembranças que a memória-lembrança registra os acontecimentos de nossa vida cotidiana, atribuindo a cada fato um lugar, uma data. “Ela acaba por armazenar o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural” (Bergson, 2010, p. 86).

O autor defende, ainda, o caráter individual da memória quando afirma que “[...] nossa percepção completa está carregada de imagens que nos pertencem pessoalmente [...]” (Bergson, 2010, p. 70). Portanto, a memória seria um conhecimento subjetivo, individual da realidade, uma reserva crescente a cada instante, a totalidade da experiência adquirida.

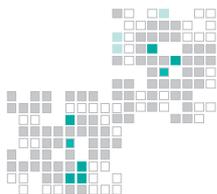
Por sua vez, para Halbwachs (2003, p. 26), a memória é constituída por quadros sociais, lembranças coletivas que, mesmo fazendo parte de acontecimentos vivenciados individualmente, são lembradas a partir de noções comuns, dos outros, de conjuntos de memórias individuais que permitem a constituição da memória coletiva. Esta não deve ser avaliada isoladamente, mas sim em relação à experiência social do grupo em que o sujeito está inserido, não dependendo só de sua subjetividade, mas do seu relacionamento com outros sujeitos sociais.

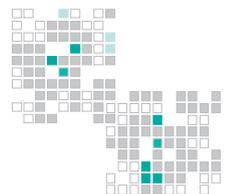
Apesar de divergirem sobre a natureza indivi-

dual ou coletiva da memória, ambos concordam que é no tempo presente que os fatos passados são atualizados e ressignificados. Bergson (2010, p. 69) afirma que a memória se dá pela “sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la”. Para Halbwachs (2003, p. 75), as lembranças atuam na reconstrução do passado, dados do presente e “preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Trazendo ainda Pollak (1992, p. 201) para esse debate, o autor enfatiza que, embora a memória pareça ser uma manifestação individual, deve ser entendida como um fenômeno “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Para o autor, ela é um componente do sentimento de identidade e de continuidade, muito presente em grupos como organizações políticas e familiares. Dessa forma, acaba por adotar a ideia de memória enquadrada, ou seja, “[...] tudo aquilo que leva os grupos a solidificarem o social” (Pollak, 1992, p. 206), muito comum, segundo ele, em organizações políticas e sindicais. Essas memórias são muitas vezes “enquadradas”, buscando manter uma unidade social em favor de determinado grupo – com características de uma memória oficial/institucional.

A partir da reflexão desses autores, temos para nós a noção de memória coletiva, como aquela que se enquadra para um grupo social, a partir dos próprios quadros de referência desse grupo, construídos coletivamente no seu interior e retomados a partir de suas lembranças individuais. Constituem-se, portanto, em imagens mediadas pelo corpo do indivíduo que relembra e narra o que recorda, conjugando lembranças das experiências individuais com as referências de seu grupo social, gerando assim a memória coletiva e enquadrada do grupo.





É essa memória que gostaríamos de discutir nesse texto: de um grupo de operários metalúrgicos, ativistas, que contam suas histórias de vida, a partir de suas lembranças, no momento da intervenção do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema<sup>1</sup> e do período que produziram e distribuíram o jornal *Tribuna Metalúrgica (TM)*, lançado em 1971 pelo mesmo sindicato.

Por meio da memória do grupo, poderemos alcançar a história do jornal, uma mídia importante para o movimento sindical brasileiro. Desse modo, as relações entre os relatos orais, a partir das lembranças de operários, ativistas, jornalistas reconstruem a história da *TM*, configurando-se, por sua vez, a memória coletiva e enquadrada desse grupo.

Esse texto tem como objetivo apresentar a narrativa oral de história de vida de João Paulo de Oliveira (JPO), operário metalúrgico, sindicalista e militante político, no período de intervenção do Sindicato por parte do regime militar brasileiro, para discutir a importância do jornal *Tribuna Metalúrgica* e a memória coletiva, enquadrada e construída nas imagens produzidas nesse relato.

Segundo Sarlo (2007, p. 42), uma das tarefas da memória social pode ser a tentativa de “recuperar o que foi perdido pela violência do poder”. Desse modo, dar voz a esses personagens da história política e da mídia no Brasil representa um compromisso de lembrar a violência do poder ditatorial brasileiro e sua resistência, compreendendo os tipos de memória que se constroem nesse processo, entendendo as relações entre a política, os meios e suas trajetórias e lutas, tanto pela possibilidade de publicar no jornal seus ideais, quanto resistir à própria vida.

<sup>1</sup> O Sindicato dos Metalúrgicos, criado em 1933, agrupava os trabalhadores de todo o ABC Paulista. Em 1959 se fragmentou e então surgiram o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e o de Diadema. Em 1993 ocorre novamente a unificação com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

## 2. *Tribuna Metalúrgica* e o movimento operário sindical no ABC

Apesar de a luta dos operários na região do ABC Paulista ter se iniciado em 1906 com a paralisação de 500 trabalhadores em uma fábrica de tecidos – que reivindicavam aumento de salários, diminuição da jornada de trabalho, entre outros –, a década de 1970 viu surgir um movimento de trabalhadores nunca antes experimentado no país.

De 1964 até meados da década de 1970, os sindicatos do ABC sofreram intervenção e receberam interventores que tinham compromisso com o governo militar – os chamados pelegos. “A tarefa dos interventores foi a de afastar da vida sindical os trabalhadores comprometidos com o governo de João Goulart ou que demonstrassem qualquer iniciativa de luta e compromisso com a classe trabalhadora” (Paranhos, 1999a, p. 35).

Com as intervenções, os sindicatos deveriam atuar como meros órgãos assistencialistas e aceitar os índices de reajustes decretados pelo governo militar, sem qualquer tipo de negociação com as empresas. No entanto, os líderes operários não se viram tão submissos assim e, a partir da segunda metade da década de 1970, despontaram novos grupos de ativistas e, com eles, diferentes demandas que os sindicatos deveriam praticar:

*[...] a movimentação operária não apenas forçou alterações de fato nas esferas da política salarial, da liberdade sindical, do direito de greve, como fundamentalmente provocou o nascimento de novos atores no cenário político [...] (Sader, 1988, p. 26).*

Foi justamente nessa época de intensa movimentação dos sindicalistas, dos operários e das medidas cerceadoras do governo que surgiu o jornal *Tribuna Metalúrgica (TM)*, editado pelo então Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema com o objetivo de auxiliar no diálogo com os trabalhadores nas fábricas.

Trazer o jornal por meio das vozes dos operários que atuaram como jornalistas é possibilitar a construção da memória desse grupo por meio da história da imprensa.

De início, o jornal não tinha grande aceitação por parte dos trabalhadores, devido ao Sindicato estar, em alguns momentos, sob o comando de pelegos.

*Geralmente, o trabalhador pegava o jornal e o jogava no lixo, pois aquela direção do Sindicato não tinha credibilidade alguma. Somente a partir de um certo momento é que o jornal parou de ser jogado fora, quando começou a publicar matérias de interesse para a classe trabalhadora* (Sampaio, 1990, p. 196).

Dessa forma, os principais temas divulgados, de acordo com Paranhos (1999a, 1999b) passaram a ser campanhas salariais, discussões sobre as possibilidades de luta da classe trabalhadora, orientações sobre as leis trabalhistas, cotidiano dos operários, além de enfatizar a importância do sindicato, suas assembleias e reuniões e, entre 1978 e 1980, o andamento das greves da categoria. A autora enfatiza que a entidade “procurou engajar o maior número de trabalhadores com a distribuição do jornal [...]” (Paranhos, 1999b, p. 166).

No entanto, a TM pretendia uma abrangência para além dos metalúrgicos, pois sua estratégia era veicular “vozes operárias”, que foram silenciadas em diversos momentos, durante intervenções sofridas na instituição em 1979, 1980 e 1983/1984, passando o jornal a ser produzido e distribuído de forma clandestina (Paranhos, 1999a, p. 29).

### 3. A evocação da memória por meio da história oral

Achamos pertinente aplicar o método da história oral para coletar as narrativas desses operários sobre suas experiências no jornal, não apenas para “traduzir uma vontade com o es-

clarecimento de situações” (Meihy, 1996, p. 32), mas também para permitir que esses narradores encontrassem “(...) espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias” (Meihy, 1996, p. 9). A história oral se tornou um campo de estudo que ganhou cada vez mais adeptos, uma vez que “[...] é uma metodologia que pode trazer subsídios importantes para a análise de processos comunicacionais e culturais” (Perazzo; Caprino, 2011, p. 810).

Trata-se, então, de uma metodologia que utiliza entrevistas em profundidade com pessoas que participaram dos acontecimentos de interesse do estudo. Tais entrevistas não são utilizadas apenas para obter informações, mas para compreender “com plenitude um outro que, sem nós, sem esta história oral, estaria fadado a não ter uma experiência compartilhada” (Garret, 1967, p. 18). Dessa forma,

*[...] nos interessa a complexidade única daquele sujeito, como ele se organiza, crê, se distende, se abre e devora contextos, ideologias, sonhos, enganos, pessoas, família, amigos, acontecimentos; como se articula numa rede singular única e, assim, podemos contribuir para uma visão não somente pontual, mas horizontal deste presente, desta comunidade e como ela segregou estas específicas “formas de existência”* (Caldas, 2006, on-line).

A história oral é um método que possibilita “ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado”, a partir das experiências e visões particulares dos sujeitos entrevistados. Procura compreender o indivíduo inserido na própria sociedade em que viveu e sob “as formas como o passado é apreendido e interpretado” por esses indivíduos (Alberti, 2013, p. 26). Nesse estudo, consideramos a importância da história oral para contornar o

[...] *desinteresse das fontes oficiais pela experiência popular, da ausência de documentos, da teia protetora e autodefensiva que se cria naturalmente em torno dos movimentos populares a partir de suas próprias lideranças* (Alberti, 2013, p. 22).

Uma das dificuldades encontradas no início dessa pesquisa ocorreu com o levantamento de quem produziu a *TM* e seu *Suplemento Informativo*<sup>2</sup>. Durante a ditadura militar, o Sindicato sofreu intervenções e as publicações foram produzidas e distribuídas de forma clandestina, muitas vezes anonimamente.

O personagem dessa história, cujos relatos analisaremos nesse texto, é membro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e atuou na diretoria da instituição no início da década de 1980, auxiliando o movimento grevista e produzindo a *TM*. Trata-se de uma entrevista de história oral temática sobre a trajetória de instituições e movimentos sociais, ou seja, “entrevistas mais curtas, que denominamos temáticas por se voltarem prioritariamente para o envolvimento do entrevistado no assunto em questão”. Associamos, ainda, a esse tipo de entrevista a concepção de história de vida, ou seja, aquelas que “[...] acompanham a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos” (Alberti, 2013, p. 27), mas abordados conjuntamente na mesma entrevista temática.

Trataremos nesse texto da narrativa de JPO. Com ele tivemos dois encontros em 2018 (03 de abril e 04 de dezembro). A entrevista inicial durou cerca de uma hora (sem gravação), e foi importante para que pudéssemos criar a relação

<sup>2</sup> “A partir 1979, [...] surgiu a necessidade de uma comunicação mais dinâmica. Naquele tempo, a diretoria do Sindicato já notava a necessidade de um órgão mais ágil de informação aos trabalhadores [...]. A Tribuna Metalúrgica ganhou, então, um Suplemento Informativo, um boletim diário para acompanhar as greves, que desempenhou um papel de destaque na organização da categoria” (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 2008).

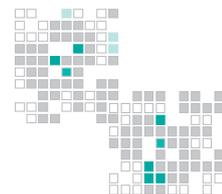
de confiança entre pesquisadores e depoente e coletar informações que orientassem outras entrevistas. Nesse momento, extraímos “as perguntas específicas que favorecem a continuidade das demais”. Além disso, forneceram “elementos capazes de se aprofundar os pontos indicados na problemática e que devem ser perseguidos na investigação” (Meihy; Holanda, 2013, p. 49).

A entrevista seguiu o seguinte roteiro temático: relatos da infância (local de nascimento, familiares); profissão dos pais; migração para a região do ABC Paulista; empresas onde trabalhou; primeiros contatos com o Sindicato e com o jornal *TM*; envolvimento com o movimento sindical; ingresso/filiação no Sindicato; atividades desenvolvidas no Sindicato; ambiente de trabalho nas metalúrgicas e militância dentro das fábricas; período sob intervenção no Sindicato; produção e distribuição da *TM* e do *Suplemento Informativo*; o jornal como auxílio da organização do movimento grevista; prisão, exílio. O segundo encontro durou cerca de três horas. JPO, assim como muitos metalúrgicos que participaram ativamente das greves do período, migrou, no final da década de 1960, para a região do ABC Paulista em busca de emprego nas empresas metalúrgicas da região.

#### 4. “Estava sob intervenção e o peão queria informação”

Devido à sua ativa militância nas fábricas, JPO era constantemente demitido, o que fez com que passasse por diversas metalúrgicas, mesmo que não se recorde a quantidade e o nome de todas. Mesmo assim, nos contou que:

*...mudava muito de empresa por causa do movimento sindical. Eu era dedurado. [...] Na serralheria das empresas eu caía sempre na manutenção, que é exatamente onde eu gostava de trabalhar. Porque na manutenção você rodava a empresa. Então você podia fazer o trabalho de conversa e aos poucos ir descobrin-*



do as pessoas e como poder trabalhar nesse aspecto. Então, a partir do momento que eu era descoberto... porque nessa busca, você acabava pegando o dedo duro. Nessa busca você acabava pegando aquele que dava as informações para o SNI<sup>3</sup>, para a polícia, para o exército, para o DOPS<sup>4</sup>. Então, para não “cair”<sup>5</sup>, como a gente dizia, eu tinha que me mandar. Algumas empresas, nesse período, me mandavam embora, algumas sem direito, algumas falavam: não quero mais te ver aqui! [...] Só para eu sair logo e não ter mais convivência (JPO, 2018).

De início percebemos, pelo relato, que a comunicação política acontecia entre os operários das linhas de produção. Ser funcionário da manutenção permitia a JPO percorrer setores e conversar sobre política. Nesse momento, sua militância dentro das fábricas ainda acontecia pelos seus próprios meios, em uma comunicação interpessoal, sem o suporte do Sindicato, pois nesse período a ditadura militar não permitia manifestações e os sindicatos eram comandados por pelegos. Foi somente no início da década de 1970 que estabeleceu seu primeiro contato com o Sindicato e com o jornal recém-criado:

*Então foi a primeira vez que eu recebi um boletim do Sindicato na porta da fábrica... em 1970 ou 1971... mais ou menos nessa época, eu não sei precisar. Já tinha a Tribuna Metalúrgica, o*

3 O Serviço Nacional de Informações (SNI) foi criado durante a ditadura, com o objetivo de “superintender e coordenar, em todo o território nacional, as atividades de informações e contrainformações, em particular as que interessem à Segurança Nacional” (Brasil, 1964, on-line).

4 Departamento de Ordem Política e Social: “Órgãos policiais de repressão política criados na década de 1920 e que estiveram a serviço da ditadura militar, sendo extintos em 1983 tendo como função primordial o controle e a repressão de movimentos políticos e sociais contrários ao regime militar” (Ishaq, Vivien; Franco, Pablo E.; Souza, Tereza E. de, 2012, p. 126).

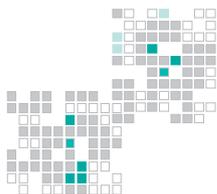
5 “Cair” era um termo utilizado durante a ditadura pelos militantes e significava “ir preso” ou “ser pego pelos militares”.

*jornalzinho do Sindicato e, se não me falha a memória, eram 4 folhas, ou seja, 2 sulfites dobrados, em papel jornal, era um pouquinho maior... eles tinham o nome lá, ofício 4, sei lá como é que chama. Era um jornal mais ou menos assim dobrado e tal, que foi o meu primeiro contato. Era a direção do Sindicato que distribuía. Foi o primeiro contato que eu tive com o Sindicato. Aí eu peguei a Tribuna e fui ler e aí eu comecei a despertar. Depois o Sindicato sumiu da porta da empresa (JPO, 2018).*

Mesmo sendo um jornal que pode ser considerado bastante simples – “eram 4 folhas, ou seja, 2 sulfites dobrados, em papel jornal” – e chamado de “jornalzinho” por JPO, é possível perceber pela própria atuação do depoente que sua comunicação política transformou sua militância. O operário diz que passou a “despertar” para a política, a partir de seu contato com o Sindicato e, sobretudo, por meio do novo jornal.

Entretanto, envolveu-se mais efetivamente com o ativismo social a partir da segunda metade da década de 1970. Ocupou cargo na diretoria durante a gestão de 1981/1984, quando ajudou na produção da *TM*, durante as greves dos metalúrgicos e intervenção na instituição. JPO conta que, sob a intervenção militar no Sindicato em 1983, a diretoria da qual ele fazia parte foi cassada e os interventores ocuparam o espaço. Os metalúrgicos alugaram um galpão na frente do Sindicato para continuar o trabalho (colocaram uma faixa na frente do galpão com a frase “Ói nois aqui otra vez”<sup>6</sup>). Antes da intervenção, o Sindicato contava nos primeiros meses com dois jornalistas que continuaram produzindo a *TM* junto com a dire-

6 Segundo o depoimento de JPO (2018), a frase foi pensada pelos sindicalistas a partir da música de Adoniran Barbosa, em 1969 que dizia: “Se voceis pensam que nós fumos embora. Nós enganemos voceis. Fingimos que fumos e vortemos. Ói nós aqui traveis. Nós tava indo. Tava quase lá. E arresorvemo. Vortemos prá cá. E agora, nós vai ficar fregueis. Ói nós aqui traveis” (Demônios da Garoa, 1969).



toria cassada, mesmo sem receber salários.

JPO também conta que a impressão das publicações era feita de diversas formas para garantir a sua periodicidade e a divulgação das greves:

*Quando nós ficamos sabendo que teria intervenção no Sindicato, nós pegamos emprestado do Sindicato algumas máquinas. Entendeu? (risos). Máquina offset, que fazia o nosso boletim. [...] Essa máquina trabalhava de noite, de madrugada... porque quem sabia operar ela era os funcionários do Sindicato. Durante o dia eles tinham que estar no Sindicato. [...] E aí, nessa altura do campeonato, ainda tínhamos os jornalistas. Os jornalistas foram demitidos pelos interventores. Por um período eles faziam o trabalho e faziam com que chegasse nas nossas mãos, tudo por debaixo do pano (JPO, 2018).*

No momento de repressão sobre o Sindicato, JPO conta como ele e seus companheiros driblaram e resistiram às ações do regime que visavam impedir a comunicação política entre os metalúrgicos. A partir de então, a própria diretoria cassada pela ditadura militar assumiu a produção da *TM* e seu *Suplemento* para garantir a continuidade da comunicação com os trabalhadores e a manutenção das greves nas cidades do ABC Paulista.

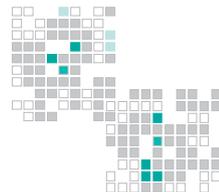
*O Suplemento era diário. Estava com intervenção e o peão queria informação. Aí quando os jornalistas saem, nós que tínhamos que fazer o jornal. “Como é que nós vamos fazer?” “Como é que se fazia esse boletim?” Era folha ofício, frente e verso... o Suplemento Informativo, não era a Tribuna Metalúrgica... “Que diabos é esse negócio de editorial?” “Editorial significa qual é a posição do sindicato?” Aí comecei a colocar no papel... e aí caramba, não tem máquina para escrever e mesmo se tivesse eu não*

*saberia como escrever. “E como é que eu vou me virar?” “Peraí, pincel atômico!” Aí eu comecei a pegar os recortes de jornal. Aí a peãozada vinha e dava informação: na empresa tal estão demitindo. “Ah é? Então, tá!” Colocava então na primeira página com pincel atômico no boletim, criava... [...] Tudo com pincel atômico e era a linguagem do peão (JPO, 2018).*

A narrativa também revelou a importância das publicações para a organização das greves. Ao ser questionado se a *TM* e o *Suplemento* funcionavam para mobilizar e organizar as greves, respondeu: “Era exatamente isso!” (JPO, 2018). E ainda realçou a participação dos trabalhadores na construção das pautas e a importância das publicações:

*Não existia nada antes, só os boletins. Cinco horas da tarde, quatro horas da tarde começava a chegar a peãozada na nossa sede “ói nois aqui outra vez”. Chegava o peão da fábrica e falava: “olha, lá na minha empresa está acontecendo isso”. Aí eu anotava. [...] Aí vinha e eu montava a pauta. “É isso aqui?” “É”. “Só não dá para garantir que dá para sair na Tribuna de amanhã”. “Beleza, mas vai entregar lá quando?” “Amanhã ou depois de amanhã estaremos entregando lá”. Então o pessoal ficava na expectativa. [...] Era a linguagem do peão (JPO, 2018).*

A resistência continuava. Os metalúrgicos pareciam não desistir de utilizar os meios de comunicação a seu favor. E, se os meios mais elaborados de redação e impressão não estivessem disponíveis, lançavam mão de papel, caneta e mimeógrafo. Isso indica que os operários tinham consciência da importância dos jornais para a comunicação política e atividade militante. Essa publicação foi produzida pela diretoria cassada, mas, segundo JPO, absorvia muito tempo da atividade sindical. Por um período, contaram com a



colaboração do Sindicato dos Químicos do ABC para fazer e imprimir o jornal:

*Um jornalista do Sindicato dos Químicos do ABC me falou: “Eu vou tentar traduzir para a peãozada a linguagem sua” [...]. Aí ele começou a formatar e tal e entregava pra gente a chapa pronta. [...] Aí o jornal chegava pronto pra gente aqui em São Bernardo... a partir daí eu não lembro mais. E logo em seguida veio a inscrição de chapa... A partir daí não consigo lembrar quem que rodava... (JPO, 2018).*

Por meio da comunicação interpessoal, recursos próprios ou verbas de sindicatos parceiros, a narrativa de JPO nos leva à importância que esse grupo social atribuída à comunicação, para fins de militância e ativismo político. A memória enquadrada (Pollack, 1992) desses operários pode ser percebida nessa questão, quando o relato tem a disposição de construir a ideia daquilo que identifica e consolida o grupo social que detém tal memória: a importância da ação política por meio da comunicação é construída e enquadrada por JPO para construir o sentido da identidade coletiva do grupo.

Nosso depoente, ao longo de toda conversa, forneceu detalhes sobre sua vida pública como metalúrgico e militante sindical: nomes de companheiros de luta, datas de eventos, números - os “vestígios datados da memória” de Pollak (1992) ou o que ficou gravado na memória do JPO como data exata dos fatos.

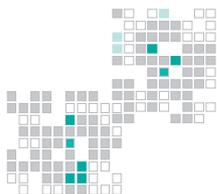
Em alguns momentos, não se recordou de informações de sua vida pessoal. Em outros, fatos de sua vida pública e pessoal foram assimilados. Na maior parte das vezes, relatos da sua vida privada simplesmente desapareceram de sua fala, mesmo quando abordamos sua história de vida. Acreditamos que essa ausência de relatos da vida privada se deu devido à sua experiência intensa como militante sindical. Nesse caso, nosso depo-

ente não se vê em dupla situação de vida (privada e pública). Ele constrói sua narrativa de forma unificada: sua vida militante é sua própria vida, mesmo nas experiências junto da família ou em outras situações pessoais.

Como Pollak (1992) enfatiza, há em entrevistas de pessoas com intensa vida pública, uma reconstrução política dessa trajetória, ou seja, as datas públicas e as privadas se confundem. Nosso depoente, nos poucos momentos que evocou lembranças de sua família, as associou aos fatos políticos de que participou, como quando conta a reação do filho quando ele precisou raspar a barba para não ser reconhecido pela polícia política:

*Eu ficava dois, três dias fora, às vezes tentando escapar para não cair. [...] Então, em um belo dia, pra eu não cair, tinha minha mulher e meu filho né, ia ser preso... então raspei a barba, ficou lisinho... cabelo bem baixinho... minha mulher me reconheceu, evidentemente... no outro dia, quando era cedinho, ele era pequenininho, tinha dois ou três anos, chegou de madrugada ele ia pra dormir com a mãe dele... aí ele chegou e viu um homem dormindo com a mãe dele... ele voltou e tal... quando ela acordou ele chamou e falou: “mãe, que homem é aquele que estava dormindo com você?” Ai eu ouvi né e fiquei quieto... “cadê o papai?”... “ele é o seu pai”... “não é não”... ele não me reconheceu... aí eu pensei: não raspo mais a barba de jeito nenhum.... risos... (JPO, 2018).*

Reconhecemos a seguir o “enquadramento da memória”, que reforça a memória oficial/institucional sobre o movimento sindical e as greves organizadas nas décadas de 1970 e 1980. As memórias “enquadradas” têm o intuito de manter uma unidade social do grupo ao qual pertence, uma mesma “versão” dos fatos que já foram constituídos ao longo do tempo pelo grupo. No trecho a seguir, temos o relato sobre sua participação em evento no Rio de Janeiro:



*Em 77... 78, pela minha militância, eu fui indicado como representante do ABC para o IV Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras, no Rio de Janeiro... CNTI, Confederação Nacional dos Trabalhadores das Indústrias... exatamente... fomos para o 4º Congresso, no Rio de Janeiro, no Palácio São Cristóvão... tinham mais de 3, mais de 4 mil delegados... eram do Brasil inteiro* (JPO, 2018).

No dia seguinte da entrevista, entrou em contato para, nas palavras dele, “corrigir a informação que havia nos relatado”. Segundo ele, o correto seria “V Congresso”, e não “IV”. Há, nesse caso, a tentativa de manter a mesma versão dos fatos, amplamente divulgada pela categoria. Dessa forma, por meio de um discurso concebido no presente, JPO constrói uma narrativa de forma a perpetuar a memória coletiva do grupo ao qual pertence.

## 5. Considerações finais

As memórias coletivas evocadas pelo nosso depoente durante a entrevista nos mostraram a importância da *Tribuna Metalúrgica* e seu *Suplemento* para a organização do movimento operário e sindical do ABC nesse período e revelou “vestígios datados da memória” e o “enquadramento da memória” (Pollak, 1992) na elaboração de uma memória oficial/institucional.

A partir do relato de história de vida de JPO,

coletado nessa pesquisa com o método da história oral temática, articulado à história de vida do depoente, pudemos recuperar a memória enquadrada desse grupo social: operários metalúrgicos do ABC Paulista nas décadas de 1970 e 1980, ligados ao jornal sindical. Concluímos que o depoente evocou uma memória coletiva e enquadrada condizente à memória institucional do Sindicato. Entendemos que a resistência ao período ditatorial passa pelo enquadramento dessa memória, o que significa articular memórias-hábito, com a formulação das imagens mentais produzidas pelas lembranças. E, por esse processo, os operários metalúrgicos do ABC resistem ao tempo e às histórias, consolidando uma memória coletiva de luta, militância e comunicação.

A articulação da memória do depoente com a história da *TM* demonstra como nossas trajetórias, experiências, hábitos, valores e cultura, estão intrincados com nossas experiências comunicacionais. O Sindicato, a *TM* e JPO formam uma unidade social. Articulam, ainda, a memória oficial/institucional da experiência vivida no passado, no tempo presente da narração, consolidando, assim, a memória coletiva desse grupo.

Finalmente, a partir da narrativa de JPO, concluímos que a história oral é um método efetivo que permite pesquisas empíricas em comunicação e suas relações com a história.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral* (3ª ed.). São Paulo: FGV Editora, 2013.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

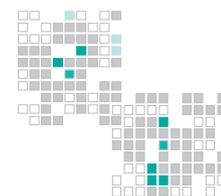
BRASIL. *Lei nº 4.341*, de 13 de junho de 1964. Cria o Serviço Nacional de Informações. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

[Ccivil\\_03/leis/L4341.htm](http://ccivil_03/leis/L4341.htm). Acesso em: 04 abr. 2019.

CALDAS, Alberto Lins. Espaço e Experiência: História Oral e Geografia Humana. *Revista Online Zona de Impacto*, ISSN 1982- 9108: Vol.1, Ano VIII, 2006. Disponível em: <http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/experienciaenarrativa.htm>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DEMÔNIOS DA GAROA. *Ói nós aqui traveis*. Compositor: Adoniran Barbosa, 1969.

JOÃO PAULO DE OLIVEIRA. [dez. 2018]. Entrevistador: Cristine



Gleria Vecchi. São Bernardo do Campo, 2018.

GARRET, Annette. *A entrevista, seus princípios e métodos*. Rio de Janeiro, Agir, 1967.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

ISHAQ, Vivien; FRANCO, Pablo E.; SOUZA, Tereza E. de. *A escrita da repressão e da subversão 1964-1985*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral. Como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. *Era uma vez em São Bernardo: o discurso sindical dos metalúrgicos (1971-1982)*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória da Unicamp, 1999a.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. Educação sindical em São Bernardo nos anos setenta e oitenta. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, n. 13, p. 153-174, Nov. 1999b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44781999000200012&lng=en&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44781999000200012&lng=en&nr=iso)>. Acesso em: 26 jul. 2019.

PERAZZO, Priscila Ferreira; CAPRINO, Mônica Pegurer. História oral e estudos de comunicação e cultura. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 801-815, 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <[www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capra-ro%202.pdf](http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capra-ro%202.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2018.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMPAIO, Antônio Possidônio. *As lutas sindicais e as greves: os trabalhadores do ABC como protagonistas da história política do país - o novo sindicalismo*. 1990. In: *Anais do I Congresso de História da Região do ABC*, p. 191-198.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC. *Tribuna Metalúrgica, informação democratizada*. 2008. Disponível em: <[http://www.smabc.org.br/smabc/materia.asp?id\\_CON=10859&id\\_SUB=66](http://www.smabc.org.br/smabc/materia.asp?id_CON=10859&id_SUB=66)>. Acesso em: 4 abr. 2019.

